

vol 1.

**K**



**EQUILIBRIO**  
**a vida não faz acordos**

**Flavia Mariano**

# Sumário

- Parte I
  - Olhe!
  - Ageusia
  - Tempo
  - Nunca será suficiente
  - Onde está você agora?
  - Férias
  - Natal
  - A vida não faz acordos
  - Eu não gosto de trabalhar
  - Só depende de mim
  - Insegurança
- Parte II
  - Istambul
  - Capadócia
  - Dia seguinte
  - Jantar
  - Alegria
  - Paul
  - Indo embora
  - Impulso
  - Pamukkale
- Parte III
  - A volta
  - Encaixando
  - Londres

*Flavia Mariano*

# **Equilíbrio**

## **a vida não faz acordos**

Copyright © 2010 *Flavia Mariano*  
Todos os direitos reservados à autora

Edição Digital

*KBR*

*2010*





**Flavia Mariano** é escritora, jornalista, pós-graduada em Jornalismo Literário e editora de três blogs relacionados ao universo feminino. Nascida no Rio de Janeiro, Flavia Mariano fez do mundo a sua casa e da escrita a sua meta: "Trazer à tona os dilemas desta mulher urbana, que acaba não encontrando tempo para viver a própria vida, para ir em busca dos seus sonhos verdadeiros e não apenas daqueles que são "possíveis" entre as brechas das obrigações."

E-mail: [flaviamariano@flaviamariano.com](mailto:flaviamariano@flaviamariano.com)

Site: [www.flaviamariano.com](http://www.flaviamariano.com)

Imagem da capa: fotomontagem sobre arquivo Google



## Olhe!

---

— Olhe!

— O quê?

— Venha logo! Corra!

Marília se levanta da cadeira do escritório e corre até a janela, se equilibrando no salto alto.

— Está vendo?

— O quê?

— Não reconhece?

— Não!

O tal homem branco como a neve, de barbas longas, que a convidou para vir à janela, a observa com compaixão.

— Quem é você? Um anjo? — Marília questiona. — Não, não pode ser um anjo, eu não acredito em anjos.

— Não importa quem eu sou, importa o que você acabou de ver passar pela janela.

— E o que era aquilo? Diga logo, não tenho tempo!

O homem dá uma risada irritante.

— Não tem tempo? Aquilo era a sua vida passando pela janela, enquanto você está aqui sentada — ele termina com uma gargalhada.

Marília fica mais branca do que o homem misterioso. E, enfim, acorda.

domingo, e o escritório do apartamento de Marília está repleto de trabalho que trouxe para adiantar. Alguns materiais do mestrado para apresentar no dia seguinte, completam as urgências.

Entre uma tarefa e outra, resolve se permitir uma hora de descanso, merecida e rara. Vai até a sala e se joga no sofá. Liga a TV e passa os canais, sem compromisso. Para num qualquer. Levanta-se e vai até a cozinha. Pega o pote de sorvete de baunilha e enche uma taça.

Volta para a sala. Ela se interessa pelo que está passando na TV, um programa de auditório em que duas mulheres dançam de forma sensual. Parece-lhe vulgar, mas não as recrimina, acredita na pura independência feminina, justificativa para todos os extremos.

As dançarinas se sentam em sofás para dar início ao debate. Do lado oposto, duas mulheres trajando roupas formais passam a aparecer no vídeo.

Marília fica ainda mais atenta ao perceber que a discussão é para chegar à conclusão do que é mais importante nos dias de hoje: "Ser uma gostosona que arrasa corações e que, se tiver sorte, acaba como coelhinha da Playboy, ou ser aquela executiva sem cor, que passa mais tempo diante de um computador do que consigo mesma."

Marília se mexe no sofá. Olha para sua mão, quase transparente, segurando a colher cheia de sorvete. Passa mais de dez horas por dia diante de uma tela de 19 polegadas. Sente-se cada vez

mais ansiosa para ouvir aquelas duas companheiras, muito bem vestidas, em ternos de cortes precisos e marcas poderosas, mas que, ainda assim, não conseguem lhes dar brilho. Falta-lhes luz.

— Comecem logo a falar! — Marília pede em voz alta, sem perceber a própria aflição.

— Voltamos já! É um minuto só! — a apresentadora interrompe. — Enquanto isso, você escolhe: de que lado quer ficar? Ser uma gostosona que enlouquece os homens ou uma mulher reservada, mas de sucesso? Há um meio termo? Voltamos já, não saia daí!

Marília não sairia. Mesmo já sabendo de que lado quer ficar: no das executivas *workaholics*. Orgulhosamente, pertence a este mundo.

— E já estamos de volta! — a apresentadora anuncia. — Obrigada por continuar com a gente! Agora, eu gostaria que você, aí na sua casa, prestasse bem atenção no argumento dessas mulheres que trouxemos aqui hoje.

Marília a obedece.

— Eu sou gostosa mesmo e os homens me adoram! Tenho quarenta anos e três filhos — uma das dançarinas anuncia, recebendo reações espantadas da plateia diante de sua aparência invejável. — Sou feliz assim, não ia querer passar os meus dias como uma louca estressada só para dizer que sou moderna.

A apresentadora dá voz à executiva. Marília espera uma resposta à altura.

— Trimm — o telefone toca. Marília ignora. — Trimm — não resiste. — Trimm — estende a mão. — Trimm — atende.

— Mãe! Depois nos...

— Não — a interrompe. — Vamos falar agora, você sempre tem um depois. É domingo! Nem hoje você tem tempo?

Marília se esforça, mas não consegue ouvir o que a executiva diz na TV.

— Estamos te esperando para o lanche hoje à tarde.

— Hoje eu não vou poder ir. Desculpe, mas estou com muitas tarefas do mestrado e umas pendências do trabalho. A gente arruma um tempinho para se ver durante a semana — justifica, aumentando o volume da TV.

— E agora a resposta dessas mulheres com corpos de dar inveja! — a apresentadora anuncia.

— Está me ouvindo? Que barulho é esse?

Marília desiste. Coloca no mudo. Melhor terminar logo a conversa.

— Eu sei que você gosta que lanchemos juntos aos domingos e que falho na maior parte das vezes, mas hoje não dá mesmo.

— Sinto sua falta, mas não se preocupe, minha filha! Prefiro que fique estudando. Criei vocês todos para isso: terem uma vida independente! Não há nada que me dê mais orgulho do que saber que você tem seu dinheiro. Não depender de homem algum é a coisa mais sensata que uma mulher pode fazer! Adoro essa sua rotina emocionante!

— Está bom, mamãe — Marília interrompe o conhecido discurso. — Agora preciso desligar — se despede trazendo o som de volta à TV.

— E vamos aos nossos comerciais, mas é rápido, não saia daí! Você está vendo como este debate está quente!

— Não! Não estou vendo nada — Marília devolve, recostando a cabeça no sofá.

Ela fecha os olhos. A culpa por ter dispensado a mãe ao telefone lhe traz lembranças da adolescência. Sua mãe abriu mão da carreira para cuidar dos três filhos, pois seu marido, um juiz

influyente e fazendeiro nas horas vagas, podia lhe dar uma vida confortável. Mas, quando o filho mais velho do casal completou vinte anos, veio a decepção: o marido, com 50 anos de idade na época, estava tendo um caso com a secretária de 26. Perdida, a mãe de Marília decidiu perdoá-lo e continuar a vida com o pai dos seus filhos, mas ele não quis. Disse que estava apaixonado e iria se casar com seu novo amor.

Abandonada, aos 42 anos, ela caiu em um mundo onde as mulheres buscavam independência, e ter criado três filhos não tinha valor algum para o currículo. Sentiu-se sozinha, deixada para trás por dedicar os últimos vinte anos exclusivamente à família. Assim, decidiu que, para ela, já não havia mais tempo, mas que suas duas meninas, Melanie de 16 anos, e Marília de 14, seriam treinadas para jamais abrir mão de suas vidas por marido ou filho algum. Seriam autossuficientes em todos os sentidos e mais um conjunto de regras valorizado por esta nova e estranha sociedade na qual foi brutalmente jogada. Fazia questão de passar para as filhas tudo o que saía sobre novas teorias de independência feminina radical.

— Estamos de volta! Obrigada por ficar com a gente. E aí? Conseguiu decidir qual a melhor forma de viver nos dias de hoje? — a apresentadora questiona.

Ainda envolvida em seus pensamentos, Marília faz que não com a cabeça. Já não se lembrava dessas partes tão marcantes de sua criação.

— Não sei para que trabalhar tanto. Para ter o quê? O celular mais moderno? O carro do ano? — uma das gostosas questiona.

Uma das executivas rebate.

— Sim, trabalhamos para ter tudo o que queremos. Todo mundo gosta de ter celulares da moda, *laptop*, carros confortáveis. Nada melhor do que ter um apartamento bonito e bem decorado. Desculpe, mas acho que a vida é mais do que rebolar.

A plateia vai ao delírio.

— E a vida é muito mais do que ficar enfiada num escritório, esperando ela passar — a gostosa dá o troco. — Você pode até não querer rebolar como eu, mas com certeza inveja minha liberdade. Computador nenhum compra tempo, pelo contrário, tira. Enquanto vocês ficam aí fazendo sexo virtual, a gente faz sexo na real.

A plateia gosta da discussão, mas as executivas não respondem à provocação. Seu silêncio deixa a dúvida. Não se sabe se estão apavoradas com a realidade ou se já não querem mais continuar naquele debate.

Marília olha para os dois lados do palco. Está tão apática quanto suas prediletas. Queria estar no meio, ser bonita e livre como as gostosas, mas com todos os luxos e intelecto das executivas.

— Chega disso! — Marília desliga a TV. — Se nem computador nem dinheiro compram tempo, não é este debate estúpido que vai comprar.

Ela volta para o escritório. Suas tarefas são mais importantes. Não acredita em meio termo. É preciso escolher um lado. Para Marília, ou você está ou não está, ou é ou não é. Não seria capaz de ser uma executiva durante a semana e uma gostosona no sábado e no domingo.

— Esquece isso — diz para si mesma, voltando a se concentrar nos papéis e livros à sua frente. — Corpo bonito só paga as contas de quem posa pelada em capa de revista.



## Ageusia

---

— Quase não consigo sair! — Marília diz afobada à mãe, que já a espera sentada em uma mesa do restaurante há mais de vinte minutos. — Desculpe a demora.

A mãe lhe dá um beijo no rosto e a tranquiliza, dizendo estar tudo bem.

— Já conheço essa sua rotina emocionante! — avisa, guardando o livro que estava folheando. — Sei que quarta-feira é um dia cheio para você, mas ousei roubar um pouco do seu tempo, já que não nos vimos no domingo. Não se incomode pelo atraso, sabe que me orgulho dessa sua correria.

Marília sorri satisfeita e se acomoda na cadeira.

— Então, minha filha, como...

— Só um minutinho, mamãe — Marília a interrompe, pegando o celular na bolsa.

— Alô.

Cinco minutos se passam. A mãe de Marília olha para o nada, olha para o tudo, olha o cardápio e busca algo para fazer, enquanto a filha resolve seus problemas inadiáveis ao telefone.

— Desculpe, era meu chefe.

— Eu entendo! — a mãe sorri, orgulhosa pelo fato de a filha ser tão necessária no trabalho.

— Já posso anotar seus pedidos? — a garçonete se aproxima.

— Sim — Marília autoriza apressada.

— O que vão querer?

— Só um minuto, por favor — pede, atendendo novamente o celular. — Sim. Não, não estou ocupada, pode falar.

A garçonete lança um sorriso para a mãe de Marília e avisa que volta em alguns minutos.

Desta vez, a ligação demora um pouco mais. Marília não percebe, mas sua mãe está visivelmente perdida diante de suas intermináveis conversas.

— Desculpe, era meu chefe novamente. Aquele banco não para!

— Eu entendo, minha filha.

A garçonete volta. As duas fazem seus pedidos e Marília adverte que o quanto antes os pratos saírem, melhor.

— Estão com muita fome — a jovem deduz, tentando ser simpática.

— Não, estamos com muita pressa! — Marília responde, com o conceito que, para ela, mostra a marca das pessoas bem sucedidas: falta de tempo.

— Quem não tem tempo para comer, não tem tempo para viver — a garçonete rebate, de maneira inusitada. — Se você tem dinheiro para pagar uma comida tão cara, mas não tem tempo de apreciá-la, de que lhe serve?

Marília e a mãe se entreolham, confusas com o atrevimento.

— Quem me disse isso foi um cliente antigo — a garçonete continua, ignorando os olhares. — Prometi a ele que repetiria essa frase a todos os clientes que entrassem aqui e dissessem que estão sem tempo para comer. Mas isso é uma longa história. Vou fazer o pedido de vocês, nem todo mundo vai ter o mesmo fim que ele. Volto já — lhes dá as costas.

O espanto dá lugar à curiosidade.

— Que menina maluca — a mãe comenta.

— Pois eu vou querer saber tudo sobre esta história quando ela voltar!

A mãe não lhe dá atenção.

— Está bonita hoje, minha filha, de onde é este terno?

— Nem sei — Marília responde, desinteressada. — Aliás, sei sim, é Carolina Herrera.

— Ah... Só podia, ela é fantástica! Minha predileta! — a mãe exclama, arrancando um sorriso satisfeito da filha.

— Mamãe — Marília muda de assunto, parecendo se lembrar de algo. — No domingo, quando nos falamos ao telefone, você disse que conhecia minha rotina emocionante. O que quis dizer?

— Ah... Você sabe. Essa adrenalina de tantas coisas no mesmo dia, tanta gente diferente, compromissos, perspectivas, reuniões inadiáveis! Você é tão indispensável! Isso não é emoção?

Marília comprime os lábios, pensativa.

— Mas, e se você soubesse que iria morrer amanhã? Iria querer aproveitar seus últimos dias com esta "emoção" toda que eu vivo?

— Ah... Já estou entendendo tudo. Você andou conversando com a sua irmã. — Não! Ela não tem nada a ver com isso. É só uma pergunta boba. Qual o problema? As pessoas dizem que temos que viver como se fosse este nosso último dia, mas... Se fosse meu último dia, eu iria querer vivê-lo no trabalho?

— Marília — a mãe responde, mostrando desconforto. — Essas perguntas são bem autoajuda e devem ficar só no pensamento. Mas se quer uma resposta, no *meu* caso — coloca as duas mãos no peito — eu ficaria com todos os meus filhos e netos, debaixo da minha asa! — sorri satisfeita. — Iria querer vocês todos me dando carinho.

— Então, por que acha tão importante esse *status* do trabalho? Ninguém, sabendo que vai morrer amanhã, corre para a empresa e faz de tudo para conseguir uma promoção antes de receber a extrema unção.

— Marília! Vamos encerrar essa conversa! Você não vai morrer amanhã! Nem eu! — a mãe perde a paciência. — Então, é a vida que segue seu curso, com todo mundo vivo. Bem vivo! Já te disse que isso é coisa boba de autor de autoajuda. A verdade, minha filha, é que se você fosse morrer amanhã, iria querer comer filé mignon ou um resto de comida? Desejos custam dinheiro!

— Mas...

— Mas, nada! Vamos mudar de assunto e comer. Você e sua irmã já estão bem grandinhas, mas se eu pudesse, as proibiria de se falarem. Ela é uma péssima influência! — finaliza, irritada. — Ainda bem que a esposa do seu irmão tem a cabeça no lugar!

— Cabeça no lugar? — Marília surpreende-se. — Ela só pensa em dinheiro! A casa dela é um paraíso *high tech*, trocam de celular a cada três meses!

— Ao menos é sinal de que o trabalho deles está dando fruto.

— Está dando fruto em chips! Eles têm uma árvore de frutas eletrônicas.

A mãe ajeita-se na cadeira, impõe um olhar sério e inicia um discurso direto.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

